

# 60 ANOS DO PLANO MESTRE DE EVANGELISMO, DE ROBERT COLEMAN: RELEVÂNCIA QUE PERSISTE E CRESCE EM UMA ERA DE PROTAGONISMO DO INDIVÍDUO

Diogo da Cunha Carvalho<sup>156</sup>

**RESUMO:** O presente artigo analisa o livro *Plano mestre de evangelismo*, de Robert E. Coleman, lançado em 1963, à luz do protagonismo do indivíduo, que marcou a abordagem discipular que propõe e tem se intensificado nos últimos sessenta anos. Para tanto, relembra a ideia central do livro, bem como seus princípios fundamentais, e os entrelaça com o fenômeno da individualização verificado pelo sociólogo Zygmunt Bauman como elemento configurador da modernidade líquida. Espera-se, com isso, demonstrar que o referido livro, tantos anos depois de publicado, continua relevante para a missiologia cristã e, com mais força ainda, à medida que a cultura se torna cada vez mais individualizada. Essa tendência exige uma abordagem discipuladora focada na pessoa humana, sem se esquecer, em contrapartida, da dimensão coletiva do discipulado, a qual se opera em complementariedade àquela.

**Palavras-chave:** Plano mestre de evangelismo. Individualismo. Modernidade Líquida. Discipulado.

**ABSTRACT:** This article analyzes Robert Coleman's Master Plan of Evangelism (1963) in light of the protagonism of the individual. This protagonism marked the book discipleship approach and has been highly intensified by culture in the last sixty years. To this end, the article recalls the central idea of the book, as well as its fundamental principles, and intertwines them with the phenomenon of individualization verified by sociologist Zygmunt Bauman as a defining element of liquid modernity. It aims to demonstrate that the aforementioned book, so many years after being published, remains relevant to Christian missiology and, even more so, as the surrounding culture becomes increasingly individualized. This tendency requires a discipleship approach focused on

---

<sup>156</sup> Professor de Missiologia do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil/Faculdade Batista do Rio de Janeiro. Formação Acadêmica. Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito de Campos e em Teologia pela Faculdade Batista do Rio de Janeiro (Convalidação). Pós-Graduado em Docência do Ensino Superior, Direito Imobiliário e Direito Público pela Universidade Estácio de Sá. Mestre em Estudos Teológicos com ênfase em Missiologia pelo Southeastern Baptist Theological Seminary (EUA) e Doutor em Teologia pela PUC-Rio.

the human person, balanced by a collective dimension of discipleship, which operates in complementarity to that.

**Keywords:** Master Plan of Evangelism. Individualism. Liquid Modernity. Discipleship.

## INTRODUÇÃO

Robert E. Coleman (1928-) é um proeminente professor de Evangelismo e Discipulado norte-americano. Lecionou no Seminário Teológico Gordon-Conwell, Seminário Teológico de Asbury, Trinity Evangelical Divinity School e Seminário Batista do Sul dos Estados Unidos, entre outros. Também atuou como deão das Escolas Internacionais de Evangelismo Billy Graham e diretor do Centro Billy Graham do Instituto de Evangelismo do Wheaton College. Foi laureado com o título de doutor *honoris causa* pela Universidade Internacional Trinity e pelo Seminário Teológico de Asbury. Sua contribuição para a missiologia cristã se encontra cristalizada na publicação do *Plano mestre de evangelismo*, originalmente lançado em 1963<sup>157</sup>.

O surgimento do livro foi interessante. Coleman já havia sido consagrado Pastor Metodista quando, no fim da década de 1950, o Seminário de Asbury o convidou para ministrar Evangelismo. Sem nunca ter tido uma única aula, nem lido um só livro-texto sobre o tema, viu-se obrigado a pesquisar, começando do básico: a maneira como Jesus fez discípulos. Ao estudar os Evangelhos, deparou-se com princípios missiológicos antes despercebidos; o principal deles, o uso dos relacionamentos como meio para gerar reprodução espiritual<sup>158</sup>. Do esboço dessas aulas nasceu a citada obra, que se tornou um clássico com mais de 3,5 milhões de cópias em Inglês e traduzido para mais de cem idiomas, inclusive o Português<sup>159</sup>.

O presente artigo revisita esse livro, buscando responder por que, sessenta anos depois de publicado, continua relevante para a missiologia cristã e, com mais força ainda, à medida que a cultura contemporânea se torna cada vez

---

<sup>157</sup> Coleman também escreveu *They Meet the Master: A Study on the Personal Evangelism of Jesus* (1971), *The Mind of the Master* (1973) e *The Master Plan of Discipleship* (1987).

<sup>158</sup> Entrevista a Sammy Tippit. Sammy Tippit Ministries. Ignite Your Passion. Episode 2 – Dr. Robert Coleman. Dez. 2019. Disponível em: <<https://sammytippit.org/episode-2-dr-robert-coleman/>> Acesso em dez. 2023.

<sup>159</sup> COLEMAN, Robert; HARRINGTON, Bobby. Revisiting the Master Plan of Evangelism: Why Jesus' Discipleship Method Is Still the Best Today. Discipleship.org: 2014, p. 6.

mais individualista, a exigir abordagens discipuladoras mais focadas na pessoa humana particularmente considerada, em vez de na coletividade.

## 1. O PLANO MESTRE DE EVANGELISMO

Embora A. B. Bruce (1831-1899) já tivesse se debruçado sobre os métodos de ensino de Jesus em *O treinamento dos doze* (1871)<sup>160</sup>, foi com *Plano Mestre de Evangelismo* que se consolidou a ideia de que o método que Jesus empregou para fazer discípulos poderia e deveria ser copiado<sup>161</sup>. Examine-se, portanto, a ideia central do livro, bem como os princípios que se desdobram dela.

### 1.1. A IDEIA CENTRAL DO LIVRO

Para Coleman, a maneira como Jesus fez discípulos não foi uma casualidade, mas uma demonstração intencional do tipo de discipulado que Ele esperava que os apóstolos replicassem e transmitissem às próximas gerações de discípulos, até a sua volta. Nesse sentido, afirmou:

A forma deliberada com que Ele abordou o discipulado só pode ser vista como um ingrediente essencial do propósito de sua vida. Isso não aconteceu acidentalmente. Embora o desenvolvimento do plano pareça bem natural, deve ter sido calculado cuidadosamente por Jesus. Esse foi o seu programa para a evangelização do mundo. Tudo o mais dependia disso, pois se seus discípulos não aprendessem a perpetuar a vida e os ensinamentos dele, então sua vinda ao mundo teria sido em vão.<sup>162</sup>

Esse modelo de discipulado constituía, assim, um padrão atemporal para o ministério da igreja. Roy Fish, autor do guia de estudos do *Plano mestre de evangelismo*, salientou: “O conceito que a igreja de hoje jamais deve ignorar é que, enquanto Jesus estava executando seu plano, Ele estava também estabelecendo uma estratégia de evangelismo para sua igreja em todos os tempos”<sup>163</sup>. Que plano e qual estratégia foram esses? Coleman esclarece:

Jesus visualizou o dia quando seu Evangelho seria ouvido pelo “mundo todo” (Mt 24,14). Com isso em vista, Ele estabeleceu um plano que não iria falhar. O plano se desdobrou progressivamente em seu minis-

<sup>160</sup> Stuart Briscoe define sua obra como “fonte para o treinamento ao apresentar o Mestre ensinando sua equipe especial”. BRISCOE, S., Prefácio. In: BRUCE, A. B., *O treinamento dos doze*, p. 6.

<sup>161</sup> Billy Hanks Jr. e William Shell identificam o ministério de fazer discípulos como “um ministério de copiar – fazer o que Jesus Cristo fez e seguir seu plano em termo de como Ele fez”. HANKS, B.; SHELL, W. A., *Epilog and Reading List*. In: HANKS, B.; SHELL, W. A. (ed.), *Discipleship*, p. 189.

<sup>162</sup> COLEMAN, R. E., *The Mind of the Master*, p. 96.

<sup>163</sup> FISH, R., *Study Guide to the Master Plan of Evangelism*, p. 9.

tério, culminando na grande comissão para sua igreja (Mt 28,18-20). Sua estratégia era preparar um núcleo de trabalhadores para a colheita. Esses homens, por sua vez, iriam alcançar outros e treiná-los com a mesma visão. No tempo, por meio do processo de reprodução, Ele viu o dia quando cada pessoa teria a oportunidade de responder de forma inteligível ao Evangelho do amor redentor de Deus. Para mostrar o que intencionava fazer, Jesus reuniu seus discípulos ao redor de si enquanto ministrava ao mundo.<sup>164</sup>

O autor acredita que Mateus 28.19 não convoca a igreja para um novo plano de ação; apenas descreve o modo como a missão deveria ser realizada<sup>165</sup>. Para ele, a estratégia básica de evangelização mundial é fazer discípulos que façam outros discípulos e que os treinem para fazer mais discípulos, em um ciclo contínuo de multiplicação. Dizia ele: “em última instância, essa é a proposta de Jesus para se alcançar o mundo, e a prioridade ao redor da qual nossa vida deve se orientar”<sup>166</sup>.

## 1.2. PRINCÍPIOS PARA FAZER DISCÍPULOS COMO JESUS FEZ

Ainda que se refira com frequência a métodos e estratégias, Coleman não pode ser acusado de pragmatismo. Consciente de que o que permanece constante em cada época e cultura são os princípios, e não as metodologias, esclarece:

É por isso que este estudo foi realizado. Trata-se de um esforço para identificar os princípios controladores que governavam os movimentos do Mestre, na esperança de que nossos obreiros sejam conformados ao mesmo padrão. Assim sendo, o livro não busca interpretar métodos específicos de Jesus na evangelização pessoal ou de massa. Em vez disso, é um estudo dos princípios implícitos em seu ministério – princípios que determinaram seus métodos.<sup>167</sup>

Com efeito, Coleman propõe que a estratégia de Jesus para a formação de discípulos, embora singular em muitos aspectos, carrega princípios que servem como linhas-mestras para o ministério de seus seguidores<sup>168</sup>. Esses princípios são os da *seleção, associação, consagração, transmissão, de-*

<sup>164</sup> COLEMAN, R. E., They Meet the Master, p. 9-10.

<sup>165</sup> COLEMAN, R. E., Introduction. In: PHILLIPS, K., The Making of a Disciple, p. 7.

<sup>166</sup> COLEMAN, R. E., They Meet the Master, p. 21.

<sup>167</sup> COLEMAN, R. E., The Master Plan of Discipleship, p. 12-13, 15.

<sup>168</sup> COLEMAN, R. E., The Master Plan of Discipleship, p. 15.

*monstração, delegação, supervisão e reprodução*. Relembre-se brevemente cada um deles.

O princípio da *seleção* corresponde ao fato de que o indivíduo, e não a multidão, era o foco do ministério de Jesus. Ele agregou alguns poucos discípulos antes mesmo de realizar eventos públicos de evangelização, e o fez visando arregimentar aqueles que, no futuro, seriam capazes de testemunhar a seu respeito e levar adiante sua obra<sup>169</sup>. Coleman explica:

Ele se concentrou naqueles que se tornariam seus primeiros líderes. Apesar de ter feito o que podia para ajudar o povo, Jesus precisava dedicar-se prioritariamente a poucos homens, em vez de às massas, com o objetivo de garantir que elas tivessem a oportunidade de ser salvas. Esta era a genialidade de sua estratégia.<sup>170</sup>

Para o autor, portanto, o líder cristão deve concentrar seu tempo e seus dons em um número reduzido de pessoas, sem negligenciar a compaixão por todos. Roy Fish resumiu tal princípio como o da “concentração em poucos”<sup>171</sup>. Esse paradoxo, da multiplicação como resultado da concentração em poucos, constitui um dos valores mais fundamentais de todo o Movimento Moderno de Discipulado (MMD), ao qual Coleman se conecta<sup>172</sup>.

Coleman salienta, outrossim, que a essência do programa de treinamento de Jesus foi permitir a seus discípulos que simplesmente o seguissem<sup>173</sup>, o que traduz o segundo princípio: o da *associação*, assim sumarizado:

O tempo que Jesus investiu nesses poucos discípulos foi tão maior em comparação ao dedicado a outros que isso só pode ser considerado como

---

<sup>169</sup> COLEMAN, R. E., *The Master Plan of Evangelism*, p. 21.

<sup>170</sup> COLEMAN, R. E., *The Master Plan of Evangelism*, p. 33.

<sup>171</sup> FISH, R., *Study Guide fo the Master Plan of Evangelism*, p. 13.

<sup>172</sup> O MMD nasceu nos Estados Unidos, nos anos 1930, desenvolveu-se e ganhou impulso nos anos 1950 e 1960 e tornou-se parte fundamental da mentalidade missiológica protestante a partir dos anos 1970. Segundo Joseph Tombrella, o movimento nasceu da constatação de que o somatório de programas mecânicos, desavenças denominacionais e falta de vida nas salas de aula das igrejas havia gerado poucos resultados em termos de autêntica maturidade cristã. Verificada a falha, o movimento propôs que Mateus 28.19-20 fosse encarado como o plano estabelecido por Jesus para formar discípulos por meio da evangelização pessoal e do acompanhamento e treinamento individual de convertidos, levando-os à reprodução. TOMBRELLA, J. A., *Mears Christianity*, p. 11-15. Apesar de Coleman ter concebido suas ideias a partir da pesquisa bíblica, acabou se identificando com o citado movimento, que propunha conceitos correlatos aos seus. Esse dado se comprova pela publicação de três excertos de seu *Plano mestre de evangelismo* na coletânea *Discipleship: The Best Writtings From the Most Experienced Disciple Makers* (1981), que conta com Billy Hanks Jr., LeRoy Eims e Dawson Trotman, autores do MMD, bem como pela assinatura dele na introdução de *A formação de um discípulo*, de Keith Phillips, outro integrante.

<sup>173</sup> COLEMAN, R. E., *The Master Plan of Evangelism*, p. 38.

uma estratégia deliberada. Na realidade, Ele gastou mais tempo com seus discípulos do que com quaisquer outras pessoas do mundo somadas. Eles comeram com Ele, dormiram com Ele e andaram com Ele na maior parte de seu ativo ministério.<sup>174</sup>

Outra vez, ressalta: “Jesus trouxe seus discípulos para perto dele; tão perto que eles poderiam sentir o pulsar de sua vida e experimentar, em primeira mão, sua missão ao mundo”<sup>175</sup>; e acrescenta:

No melhor daqueles três anos, eles caminharam as trilhas juntos; observaram suas prioridades descortinando-se em devoção disciplinada; eles estavam com Ele enquanto saía para ministrar ao corpo e à alma dos sobrecarregados; viram seu amor em ação todos os dias. Embora a compreensão, por parte deles, de seu objetivo espiritual tenha sido dificilmente demorado, eles aprenderam gradualmente, por meio de o seguirem, para o que Ele havia vindo ao mundo e como Ele o realizaria.<sup>176</sup>

O princípio seguinte é o da *consagração*, que implicava colocá-los sob a disciplina da obediência. Essa obediência não significava, porém, que devêssemos cumprir uma lei, mas retribuir o amor de um líder disposto a dar a vida por eles<sup>177</sup>. Outro princípio, o da *transmissão*, denotava que Jesus comunicou as verdades do Reino aos discípulos não apenas por palavras, mas, acima de tudo, de sua vida, visando que “seus discípulos aprendessem seu jeito de viver” diante de Deus e dos homens<sup>178</sup>. De igual modo, “precisamos ter a vida dele em nós pelo Espírito se quisermos fazer a obra e praticar seus ensinamentos”<sup>179</sup>. A esse princípio se conecta o quinto, *demonstração*, que implica não somente dizer às pessoas aquilo em que devem crer, mas permitir que vejam o evangelho encarnado de maneira consistente na vida de quem lhes tiver evangelizando<sup>180</sup>. Como afirma Coleman, “não podemos fugir de nossa responsabilidade pessoal de mostrar o caminho àqueles a quem estamos treinando”; e conclui: “este é o método do Mestre, e nada mais poderá substituí-lo no treinamento de outros para realizarem sua obra”<sup>181</sup>. A isso se unem os três últimos princípios:

<sup>174</sup> COLEMAN, R. E., *The Master Plan of Evangelism*, p. 43.

<sup>175</sup> COLEMAN, R. E., *The Mind of the Master*, p. 96.

<sup>176</sup> COLEMAN, R. E., *The Mind of the Master*, p. 96.

<sup>177</sup> COLEMAN, R. E., *The Master Plan of Evangelism*, p. 57.

<sup>178</sup> COLEMAN, R. E., *The Master Plan of Evangelism*, p. 73.

<sup>179</sup> COLEMAN, R. E., *The Master Plan of Evangelism*, p. 71.

<sup>180</sup> COLEMAN, R. E., *The Master Plan of Evangelism*, p. 127.

<sup>181</sup> COLEMAN, R. E., *The Master Plan of Evangelism*, p. 81.

*delegação*, marcada pela designação dos discípulos à missão; *supervisão*, isto é, o acompanhamento deles enquanto a executam; por fim, a *reprodução*, traduzida na expectativa de Jesus de que eles fizessem discípulos assim como foram feitos discípulos<sup>182</sup>.

Uma vez revistos tanto a ideia central do livro quanto seus princípios basilares, pode-se verificar por que este continua pertinente para o debate missiológico dos dias atuais – e cada vez mais pertinente – tantas décadas depois. Para tanto, usar-se-á parte da abordagem feita pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman, em busca de encontrar um ponto de contato entre o modelo de discipulado proposto por Coleman e o dado cultural que coloca o indivíduo cada vez mais no centro das atenções<sup>183</sup>.

## 2. BAUMAN E A INDIVIDUALIZAÇÃO LÍQUIDO-MODERNA

Zygmunt Bauman (1925-2017) foi um profícuo escritor de temas relativos à vida humana em sociedade, tais como amor, trabalho, consumo e identidade. Oriundo de família judia pobre, despontou no cenário mundial a partir da década de 1980, como um dos principais estudiosos sobre a corrente fase da modernidade, a qual denominou “modernidade líquida”. De acordo com Bauman, o que aconteceu foi que a modernidade declarou ser uma tarefa humana fazer as pessoas se sentirem confortáveis no mundo<sup>184</sup>. Anteriormente, a prerrogativa de julgar quais eram os valores e os objetivos dignos de serem perseguidos e coerentes com o destino final de toda a humanidade pertencia às instituições. Com a desabsolutização desses valores e objetivos e a perda da credibilidade destas últimas, tal encargo passou ao indivíduo, e apenas a ele. Ou seja, o grande projeto de levar a humanidade adiante sob a liderança da razão humana foi fragmentado, individualizado, deixado à administração dos indivíduos e seus recursos<sup>185</sup>.

---

<sup>182</sup> COLEMAN, R. E., *The Master Plan of Evangelism*, p. 108.

<sup>183</sup> Este pesquisador está ciente dos questionamentos que se fazem à descrição de Bauman quanto à realidade sociocultural do tempo presente. Tampouco a expressão por ele cunhada (*modernidade líquida*) é consensual. Para ilustrar, Carlos Scolari lança a hipótese de que “a metáfora líquida, que tanto êxito teve a partir da publicação da “Modernidade Líquida” (Bauman, 1999), já não é a melhor hoje para descrever a vida social e a cultura contemporânea”. Para ele, a irrupção das redes digitais trouxe uma nova configuração social em que “os nano-conteúdos (e nós com eles) saem disparados como moléculas em estado gasoso, que colidem entre si e formam uma interminável carambola textual”. SCOLARI, C. A., *Adiós sociedad líquida. Bienvenida sociedad gaseosa*. No entanto, optou-se por seguir adotando a terminologia, definições e análises de Bauman tendo em vista dois fatores: 1) a necessidade de fixar um referencial teórico para um trabalho desta natureza, qualquer que seja ele; 2) o caráter recente dessas novas provocações.

<sup>184</sup> BAUMAN, Z.; RAUD, R., *A individualidade numa época de incertezas*, p. 32.

<sup>185</sup> BAUMAN, Z., *Modernidade líquida*, p. 41.

Daí em diante, qualquer solução razoável ou viável para os dilemas da existência passou a implicar, necessariamente, a *individualização*<sup>186</sup> das tarefas e responsabilidades<sup>187</sup>. Cabe ao indivíduo, e a ninguém mais, “descobrir o que é capaz de fazer, esticar essa capacidade ao máximo e escolher os fins a que essa capacidade poderia melhor servir – isto é, com a máxima satisfação concebível”<sup>188</sup>. Ele é, assim, inteiramente responsável pelo tipo de vida que deseja levar e como vivê-la, assumindo toda a culpa pelas más escolhas<sup>189</sup>.

Na falta de um destino uniforme e de uma bússola confiável que o guie até lá, o indivíduo descobriu-se sozinho na jornada da vida. Hábil com analogias, Bauman compara tal condição ao passageiro de um barco que, sem localizar um bote salva-vidas grande o suficiente para acomodar toda a humanidade, aceita um colete individual. Esse colete funciona como metáfora para o autointeresse, que é a resposta egoísta, porém esperada, de quem se vê por conta própria e precisa sobreviver<sup>190</sup>. A cultura se torna, então, extremamente individualista, e o *individualismo*<sup>191</sup>, a lógica normativa das relações que se estabelecem nessa sociedade liquefeita.

Com isso, tudo o que diz respeito ao ser humano (particularmente considerado) passa a soar mais atraente do que os temas ligados à vida e às relações comunitárias. Coincidência ou não, essa tendência parece ter afetado, inclusive, parcela significativa daqueles que se têm debruçado sobre a tarefa evangelizadora da igreja hoje, naquilo comumente chamado de *discipulado um a um*, no qual Coleman pode ser enquadrado. Teria sido o caso de o MMD – e o próprio *Plano mestre de evangelismo*, como um de seus principais documentos – só ter ganho destaque no cenário evangélico nas últimas décadas devido ao crescimento do individualismo como força cultural dominante? Seria o discipulado individual uma assimilação despercebida e indevida dessa mentalidade individualista? Há quem diga que sim.

<sup>186</sup> Bauman definiu *individualização* como a “desregulamentação e desrotinização da conduta humana, já em estágio avançado, diretamente relacionadas ao enfraquecimento e/ou fragmentação dos vínculos humanos”. BAUMAN, Z., *Vida para consumo*, p. 66.

<sup>187</sup> BAUMAN, Z., *Modernidade líquida*, p. 53.

<sup>188</sup> BAUMAN, Z., *Modernidade líquida*, p. 81.

<sup>189</sup> BAUMAN, Z., *Vida para consumo*, p. 113.

<sup>190</sup> BAUMAN, Z., *A arte da vida*, p. 67.

<sup>191</sup> Não confundir *individualização do destino*, como descrita por Bauman, com *individualismo*. A diferença será a seguir demonstrada.

### 3. DISCIPULADO INDIVIDUAL: PROBLEMA OU OPORTUNIDADE?

O pesquisador Joseph Tombrella avalia que, apesar de o MMD ter buscado consertar o problema da falta de discipulado, acabou por ensejar a ascensão do individualismo na educação cristã, caracterizado por uma leitura pragmática e humanista do crescimento espiritual<sup>192</sup>. Para o pesquisador, ainda que o Movimento tenha proposto um retorno à Bíblia, não o fez à luz da tradição, mas pelos ditames do Iluminismo, pelos quais o indivíduo é o ponto de partida; e explica:

Se os líderes do movimento abordam a eclesiologia, o fazem sob a perspectiva daquilo que o indivíduo pode experimentar e ganhar pessoalmente ao submeter-se a ela. Em decorrência disso, membesria regenerada, ordenanças, disciplina eclesiástica, bem como os ofícios, foram reduzidos na igreja hoje como ordenanças individualistas em vez de corporativas.<sup>193</sup>

Joel Comiskey, outro estudioso do discipulado, também denuncia o método de discipulado um a um como produto da cultura ocidental individualizada. Para ele, “a Bíblia nunca fala desta forma individualista de discipulado”.<sup>194</sup>

O que esses autores ignoram é que a *individualização do destino*, descrita por Bauman, não é o mesmo que *individualismo*. Aquela significa, simplesmente, que o grande projeto de levar a humanidade adiante sob a liderança da razão humana falhou miseravelmente e que, agora, o indivíduo, privado da segurança de um destino comum promissor, viu-se na posição de autodeterminar-se, sendo ele mesmo o único responsável por seus triunfos e fracassos. Individualismo, por sua vez, aquele autointeresse egoísta de que escreve Bauman, aquela atitude de não pensar em nada além de si mesmo e agir sem solidariedade ou interesse pelo bem-estar do outro. Ainda que se pareçam – e ainda que, em certo sentido, o individualismo seja uma degeneração moral da individualização do destino, um estágio além – este, como dado cultural que é, situa-se no âmbito da *ética descritiva*, e não *normativa*, como o individualismo. Isto é, a individualização é uma categoria que descreve o fenômeno dado, enquanto o individualismo, a tendência pecaminosa que seguramente se deve hostilizar, inclusive em suas versões utilitarista e isolacionista.

---

<sup>192</sup> TOMBRELLA, J. A., Mears Christianity, p. 21.

<sup>193</sup> TOMBRELLA, J. A., Mears Christianity, p. 23-24.

<sup>194</sup> COMISKEY, J., Discipulado relacional, p. 17.

No entanto, fato é que a modernidade líquida se encontra em um estágio tão avançado de implementação, que não dá sinais de que irá retroceder. Bauman já alertava que “a individualização chegou para ficar; toda elaboração sobre os meios de enfrentar seu impacto sobre o modo como levamos nossas vidas deve partir do reconhecimento desse fato”.<sup>195</sup> Ao lutarem contra essa individualização a pretexto de refutar o individualismo, os críticos do discipulado individual podem estar batalhando contra algo insuperável, uma realidade com a qual, querendo ou não, terão de conviver e da qual precisarão tirar o melhor proveito possível.

Convém indagar, portanto: até que ponto essa individualização constitui, mesmo, uma ameaça ao desenvolvimento da fé cristã hoje em dia? Não poderia, em vez disso, ser vista como um potencial a ser explorado a partir do engajamento do sujeito-discípulo na tarefa de fazer discípulos? Em que medida esse dado cultural pode, se enxergado do ângulo correto, ser aproveitado, e não apenas contido?<sup>196</sup>

A toda prova, os tempos atuais apresentam um emaranhado complexo e ambíguo de tendências em variadas direções, algumas positivas, outras negativas (como o individualismo). E a realidade inafastável é que ser humano a ser tornado discípulo é esse que aí está – o mesmo ser humano que, uma vez feito discípulo, precisa ser mobilizado para fazer discípulos, com todas as suas virtudes e fragilidades. O dado reconfortante é que, ao longo das eras, Deus sempre separou pessoas para cumprirem seu propósito salvífico. Assim também hoje, os cristãos contemporâneos são “os homens e mulheres de Deus para fazer o trabalho de missões em nossos dias”, especialmente forjados para as necessidades de hoje.<sup>197</sup> Não faz sentido querer eliminar o foco que Robert Coleman e o MMD dão no indivíduo, se esse mesmo foco pode ser aproveitado na forma de impulso missionário espelhado na missão de Jesus e que se mostra favorável para um vigoroso fazer discípulos neste início de século. Indivíduos fazendo discípulos, individualmente, sem menosprezarem a dimensão corpo-

---

<sup>195</sup> BAUMAN, Z., *Modernidade líquida*, p. 52.

<sup>196</sup> Este articulista já teve a oportunidade de postular uma visão complementar entre discipulado um a um, em pequeno grupo e coletivo no artigo *Discipulado, Perspectivas e Dimensões: um Diálogo em Busca da Complementariedade Entre o Discipulado na Comunidade, no Pequeno Grupo e no Relacionamento Um a Um*, disponível em: <https://periodicos.fabapar.com.br/index.php/vt/article/view/116>. Portanto, não se presume que esteja ignorando a importância de uma leitura comunitária do discipulado, complementar ao discipulado individual.

<sup>197</sup> DONOVAN, K.; MYORS, R., *Reflexões sobre o retorno prematuro de missionários de carreira*. In: TAYLOR, W. D. (org.), *Valioso demais para que se perca*, p. 74.

rativa da missão cristã: essa é uma das mais estratégicas e vibrantes demandas para o fazer discípulos hoje.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Robert Coleman e os demais autores do MMD foram responsáveis por um verdadeiro despertamento discipular na segunda metade do século 20, com reflexos também no Brasil. Para ilustrar como esse fenômeno se intensificou neste início de milênio, basta mencionar que uma das edições brasileiras do *Plano mestre de evangelismo* diz que o livro é de um tempo “quando o termo [discipulado] não estava tão em evidência quanto hoje em dia”.<sup>198</sup> De fato, a atualidade tem se mostrado fértil na produção e tradução de literatura acerca do discipulado.<sup>199</sup> Esse crescente interesse pelo assunto coincidiu com o aumento das forças individualizantes da modernidade líquida, o que levou alguns críticos a pensarem que se tratava da incorporação inconsciente e indevida de valores culturais na missiologia. A verdade, contudo, é que os valores e princípios resgatados pelo MMD e, sobretudo, por Robert Coleman, têm-se revelado extremamente úteis para o cumprimento da missão cristã hoje em dia, e não só na época em que foram descritos. Essa correlação entre cultura e missiologia, longe de significar uma “conversão” desta ao individualismo, serve para ressaltar a importância do emprego, nos dias atuais, da estratégia discipular de Jesus – tão bem assimilada por Robert Coleman –, pela qual o indivíduo, e não a multidão, deve constituir o foco da ação missionária.<sup>200</sup>

---

<sup>198</sup> COLEMAN, R. E., *Plano mestre de evangelismo*, 2016.

<sup>199</sup> ARAÚJO, J. P. G., *Discipulado*, p. 287.

<sup>200</sup> Para um estudo mais aprofundado do assunto, recomenda-se a leitura dos capítulos 2 e 3 da tese de doutorado deste pesquisador, intitulada *A amizade discipuladora: Análise do método pastoral “Venham e verão”*, disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/58552/58552.PDF>.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, J. P. G. Discipulado: autarquia, anarquia, ditadura – uma análise. **Via Teológica**, v. 19, n. 37, p. 287-306, jun./2018. Disponível em: <<http://periodicos.fabapar.com.br/index.php/vt/article/view/11>>. Acesso em: 3 abr. 2021.

BAUMAN, Z. **A arte da vida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

\_\_\_\_\_.; RAUD, R. **A individualidade numa época de incertezas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

\_\_\_\_\_. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BRISCOE, S. Prefácio. In: BRUCE, A. B. **O treinamento dos doze: princípios eternos para o desenvolvimento de liderança**. 8. impr. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. p. 5-7.

COLEMAN, R. E. **The Master Plan of Evangelism**. Old Tappan, New Jersey: Fleming H. Revell Company, 1963.

\_\_\_\_\_. **The Mind of the Master**. Old Tappan, New Jersey: Fleming H. Revell Company, 1977.

\_\_\_\_\_. **They Meet the Master: A Study Manual on the Personal Evangelism of Jesus**. Old Tappan, New Jersey: Fleming H. Revell Company, 1973.

\_\_\_\_\_. Introduction. In: PHILLIPS, K. **The Making of a Disciple**. Los Angeles, California: World Impact Press, 1981. p. 7-8.

\_\_\_\_\_. **The Master Plan of Discipleship**. Grand Rapids, Michigan: Baker Publishing Group, 1987.

\_\_\_\_\_.; HARRINGTON, Bobby. **Revisiting the Master Plan of Evangelism: Why Jesus' Discipleship Method Is Still the Best Today**. Discipleship.org: 2014.

\_\_\_\_\_. **Plano mestre de evangelismo**. São Paulo: Mundo cristão, 2016.

COMISKEY, J. **Discipulado relacional: como Deus usa a comunidade para modelar seguidores de Jesus**. Fortaleza: Premium, 2014.

DONOVAN, K.; MYORS, R. Reflexões sobre o retorno prematuro de missio-

nários de carreira: uma perspectiva geral do futuro. In: TAYLOR, W. D. (Org.). **Valioso demais para que se perca**. Londrina: Descoberta, 1998. p. 59-102.

FISH, R. **Study Guide to the Master Plan of Evangelism**. Fleming H. Revell Company. USA, 1972.

HANKS, B.; SHELL, W. A. Epilog and Reading List. In: HANKS, B.; SHELL, W. A. (ed.). **Discipleship: the Best Writings From the Most Experienced Disciple Makers**. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1981. p. 189-190.

TOMBRELLA, J. A. **Mears Christianity: The Birth of the Modern Discipleship Movement**. Fort Worth, Texas, 2017. 261p. Tese. Faculty of The Jack D. Terry, Jr. School of Church and Family Ministries, Southwestern Baptist Theological Seminary.

SAMMY TIPPIT MINISTRIES. **Ignite Your Passion**. Episode 2 – Dr. Robert Coleman. Entrevista em áudio. Dez. 2019. Disponível em: <<https://sammytip-pit.org/episode-2-dr-robert-coleman/>> Acesso em dez. 2023.

SCOLARI, C. A. **Adiós sociedad líquida**. Bienvenida sociedad gaseosa. Hipermediaciones. 13 ago. 2021. Disponível em: < <https://hipermediaciones.com/2021/08/13/adios-sociedad-liquida-bienvenida-sociedad-gaseosa/>>. Acesso em: 27 set. 2021.